
*Alocução de Abertura da Exposição
Cerâmica Islâmica Portuguesa*

Minhas Senhoras e meus Senhores

O Senhor Doutor Cláudio Torres convidou-me a dizer algumas palavras na abertura desta exposição de Cerâmica Islâmica Portuguesa organizada pelo Campo Arqueológico de Mértola com o apoio da Câmara Municipal de Mértola e da Fundação Gulbenkian, integrada no IV Congresso de Cerâmica Medieval do Mediterrâneo Ocidental.

Agradeço a proposta que muito me honra.

Fez-me recuar a tempos distantes em que inventei um curso livre de Arqueologia Medieval na Faculdade de Letras de Lisboa e na cadeira de História de Portugal que regí durante alguns anos com o apoio e o estímulo de Figanier, permitiu-me fazer algumas aulas práticas com música e poesia, onde entravam a poesia arabico-andaluza e as cantigas de Santa Maria.

Embora a minha experiência de campo não tivesse passado por aí (passou por outro ponto cardeal da nossa Arqueologia Medieval, a Egitânica com D. Fernando de Almeida), nunca durante a minha já longa carreira docente me afastei destes horizontes.

Não me esqueci deles ao longo do exercício das funções em que fui investido na Fundação Calouste Gulbenkian.

Preocupado naturalmente com o afrouxamento que em dado momento se sentiu na grande linhagem de arabistas que tivemos e nos permitiu ombrear com a espanhola, criaram-se duas bolsas de estudo de especialização estritamente reservadas a estudiosos nesta área fundamental, apresentou-se a exposição Tesouros do Museu de Bagdade que se fez acompanhar por um ciclo de palestras por especialistas estrangeiros, e por exemplo, para não me alongar amis, lembrarei os cursos de Chueca y Goitia e de Santos Simões, que no âmbito dos seus trabalhos para o Corpus de Azulejaria em Portugal se deslocou ao Norte de África e à Turquia preocupado com o relacionamento dos zellaidja com os ajulejos.

Com a mesma orientação se levou apoio, ainda que pontual, como ao pedido do Campo Arqueológico de Mértola, como às escavações em curso no Castelo de Silves, de que resultou uma Tese de Mestrado sob a minha orientação da Sra. Dra. Rosa Maria Varela Gomes. Quero lembrar também a acção do Sr. Dr. José Luís de Matos em Vilamoura.

Mas não iniciei nada na Fundação Calouste Gulbenkian.

A poucos passos de nós, por caminhos neste belo parque dominado por uma giralda que no terreno onde assentámos, nos coube em sorte, está a notável colecção com que o Fundador Calouste Gulbenkian enriqueceu o Mundo, ao enriquecer-nos a nós. E nela cintilam essas jóias que são o conjunto de arte islâmica.

Pois bem, por muito que separe essas jóias das peças partidas, sabe-se lá como e em que condições, menos ou igualmente sumptuosas, é um mesmo mundo que nos fala: um mundo de civilizações, de cultura, de formas, de concepções estéticas e técnicas.

Como não havemos de pensar nessa jóias quando estivermos diante destes bocados que a sabedoria

arqueológica recuperou e nos devolveu, facilitando-nos o todo perdido a partir de irremediáveis cacos.

É no aro tutelar dessa nobre colecção da Fundação, que pela primeira vez em Portugal se apresenta uma exposição de cerâmica islâmica recuperada no nosso território. Exponente de um dos elos da cadeia dos tempos donde vimos, que começa a descobrir-nos os escondidos “Tesouros” das lendas que envolvem a Moirama.

Na herança modesta sem Alhambras nem Córdovas, a singela ex-mesquita de Mértola e testemunhos de reelaborações como o Castelo dos Mouros de Sintra, entre outros.

É um passado apenas feito de palavras que pensaríamos errantes, sustentáculos de mil e uma lendas nas mil e uma noites.

A estes objectos cabe a honra a abrir o caminho por onde com mais fortuna e mais determinação, já a Espanha se nos adiantou.

Pedem os “cacos” que vamos ver, o nosso maior respeito pelo testemunho que nos trazem. Respeitemo-los nas cicatrizes. Respeitamos o afã e o saber arqueológico que no-los recuperou. Mas não esqueçamos que estão aqui sem o contexto dessas terras esquecidas como era Mértola.

Olhá-los com olho blasé de cultura será pouco.

É necessário admirar o saber e o esforço do grupo que o Dr. Cláudio Torres orienta e a determinação dos que o apoiam, como a câmara local.

É necessário admirar estes restos do quotidiano e da glória.

São realmente muito mais do que cacos, muito mais que objectos arqueológicos, são as vozes poéticas, o canto e a dança, o saber e a sensibilidade do Al Andalus desenterradas para a luz de hoje.

Saibamos amá-los à luz de hoje para que frutifiquem em nós e nos encorajem no caminho árduo da defesa da nossa rica e complexa herança cultural.

Artur Nobre de Gusmão